



Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Antropologia

Laboratório de Antropologia Social

Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades

Projeto “Antropologia, Gênero e Educação” PNPd-CAPES

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Projeto de pós-doutorado de Arianna Sala

Orientadora Professora Dra. Miriam Grossi

Relatório de atividade de Janeiro a Junho de 2014

Introdução teórica e objetivos principais do projeto

Como vários autores e autoras afirmam (LOURO, 2010, 2008, 2001, BOURDIEU, 2007, JUNQUEIRA, 2009, FURLANI, 2007, MISKOLCI, 2012) a escola não apenas transmite ou constrói o conhecimento acadêmico, se não que se configura como um espaço disciplinador e normalizador no que os padrões sociais são reforçados e perpetuados na legitimação de relações de poder e hierarquias (JUNQUEIRA, 2009). Esse afã normalizador se faz evidente na organização do currículo que ainda transmite um discurso hegemônico que remete á norma branca, masculina, heterossexual e crista. A partir desse grupo dominante, detentor do poder simbólico vai se construindo por comparação, negação e subordinação “o diverso”, qualquer sujeito que não encaixe com o padrão hegemônico. Achamos particularmente indicativo, desse processo disciplinador, a invisibilização das sexualidades não heteronormativas nos livros



did\u00e1ticos brasileiros distribu\u00eddos para as escolas p\u00fablicas. Como afirmam LION\u00c7O e DINIZ (2008),

“Nos livros did\u00e1ticos, o car\u00e1ter heteronormativo das rela\u00e7\u00f5es sociais est\u00e1 presente nos padr\u00f5es de representa\u00e7\u00e3o de g\u00e9nero e de organiza\u00e7\u00f5es familiares, nos discursos sobre afetos e tamb\u00e9m na aus\u00eancia do tema da diversidade sexual. A heteronormatividade imp\u00f5e um sil\u00eancio sobre essa tem\u00e1tica: n\u00e3o h\u00e1 gays nas obras liter\u00e1rias, n\u00e3o h\u00e1 rela\u00e7\u00f5es homossexuais nos textos de orienta\u00e7\u00e3o sexual e, muito precocemente, as crian\u00e7as aprendem a indexar o universo social pela dicotomia de g\u00e9nero. (...) O sil\u00eancio \u00e9 a estrat\u00e9gia discursiva dominante, tornando nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia” (p. 312).

Essa estrat\u00e9gia do sil\u00eancio configura-se como uma forma de dom\u00ednio e de repress\u00e3o sexual, em tanto que estabelece o que \u00e9 diz\u00edvel e o que tem que ficar relegado no reino do indiz\u00edvel, sendo a mesma exist\u00eancia duma sexualidade n\u00e3o heteronormativa negada pela falta de representa\u00e7\u00f5es discursivas. \u00c9 a trav\u00e9s desse silenciamento que l\u00e9sbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgender, fam\u00edlias n\u00e3o heterossexuais, s\u00e3o simplesmente exclu\u00eddos do espa\u00e7o p\u00fablico, do curr\u00edculo, dos livros did\u00e1ticos e das reflex\u00f5es sobre direitos humanos (JUNQUEIRA, 2009). Nesse sentido a escola assume o rol de ferramenta fundamental nesse projeto de social de constru\u00e7\u00e3o dos corpos leg\u00edtimos, *“o poder define a forma como se processa a representa\u00e7\u00e3o; a representa\u00e7\u00e3o por sua vez tem efeitos espec\u00edficos, ligados sobretudo, \u00e0 produ\u00e7\u00e3o de identidades culturais e sociais, refor\u00e7ando assim, as rela\u00e7\u00f5es de poder.”* (TADEU DA SILVA, 1998, cit. em LOURO 2010, p. 16). Desse jeito as institui\u00e7\u00f5es escolares, de lugar de transmiss\u00e3o de conhecimento viram, em rela\u00e7\u00e3o \u00e0 sexualidade, a lugar de sil\u00eancio e ignor\u00e2ncia, ainda assim \u00e9 importante lembrar como essa falta de representa\u00e7\u00e3o, de espa\u00e7o simb\u00f3lico, \u00e9 em se mesma uma representa\u00e7\u00e3o, um sil\u00eancio que grita remetindo a uma pedagogia da sexualidade que como j\u00e1 temos afirmado, legitima determinadas identidades e pr\u00e1ticas sexuais, marginalizando outras (FOUCAULT, 1988) .

Ao mesmo tempo temos que lembrar que a cria\u00e7\u00e3o duma escola inclusiva \u00e9 uma diretriz unanime no discurso pedag\u00f3gico brasileiro atual, mais quando do n\u00edvel te\u00f3rico



trata-se de passar a um nível prático que especifique as formas de essa inclusão ou inclusões surgem divergências, não só relativas a como traduzir didaticamente essa inclusão, mais também sobre quem *merece* ser incluído. Certamente a inclusão de alunos gay, lésbicas, travestis ou transexuais é mais problemática e polêmica que a inclusão, por exemplo, de alunos com algum grau de deficiência física, já que no primeiro caso a necessidade de inclusão é confrontada com os preconceitos dos próprios professores; Como afirma SEFFNER (2009) *“quando se trata de assegurar a inclusão de travestis, jovens gays e jovens lésbicas, a discussão muda de figura, e aparecem outras questões, habitualmente ligadas às concepções que os professores e as professoras têm acerca dessas orientações sexuais”* (p. 127). Sem dúvida a inclusão das diferenças apresenta uma problematidade para o professorado, mais ainda assim a escola pública é um espaço *público* e *laico* onde a aprendizagem não deveria se reduzir aos conteúdos curriculares, mais teria que abranger também as competências de negociação das diferenças, sobretudo em uma realidade como a brasileira onde multiplicidade de diversidades (de raça, religião, classe social, geração, etnicidade...) se entrecruzam. Além disso, como afirma SEFFNER (2009) é preciso não confundir acesso com inclusão, já que um real processo de inclusão não termina com o simples acesso à educação da pessoa anteriormente excluída sem que esse acesso modifique sequer minimamente a estrutura que acolhe. O risco de permitir simplesmente o acesso é que as pessoas tradicionalmente excluídas não encontrem um sentido no seu permanecer na instituição e abandonem. Para que haja inclusão é preciso pôr em marcha estratégias que permitam que essas pessoas realmente sintam de ter um espaço na escola, que suas especificidades são contempladas e não ignoradas pela instituição. De outro jeito o risco de abandono é altíssimo. Nesse sentido a alta taxa de evasão escolar entre os e as estudantes LGBTTTI, atribuível às experiências de bullying homofóbico subidas nas escolas assim como a desconfiança, baixa autoestima, temor, tensão psicológica e isolamento social relacionados com esse tipo de bullying afetam negativamente o rendimento escolar e configuram-se como violação do direito à educação de qualidade (UNESCO, 2012).

Por outro lado temos que lembrar que a Declaração dos Direitos Sexuais aprovada em 1999 durante o XIV Congresso Mundial de Sexologia, sanciona o direito a uma



Educação Sexual Integral como um direito humano fundamental e universal (FURLANI, 2009). Nesse contexto a educação sexual integral é considerada um processo vitalício que se inicia com o nascimento e perdura por toda a vida e deveria envolver todas as instituições sociais. Em esse marco resulta evidente que a escola deveria ter um rol relevante entre as instituições sociais, na promoção desse direito fundamental, proporcionando aos estudantes um conteúdo não estigmatizador, adequado às suas vivências e utilizando uma metodologia que favoreça a real participação do alunado, na construção dum conhecimento o mais possível livre de preconceito e libertador.

Infelizmente como já temos afirmado, a homofobia e o heterossexismo são não apenas consentidos, se não ensinados nas escolas na medida em que a pedagogia do insulto, e os mecanismos de silenciamento e dominação simbólicas, não sempre são detectados e sancionados dentro das instituições escolares, se não que as vezes é o mesmo professorado quem veicula esse tipo de condutas e juízos preconceituosos, na relação com o alunado não heterossexual. A falta de solidariedade por parte de profissionais da educação, da instituição e da comunidade escolar diante das cenas de assédio moral contra estudantes LGBTTTI pode produzir ulteriores efeitos nos agressores e nas vítimas, reforçando a ideia da legitimidade do insulto e do assedio. Como afirma LOURO (2010, p.29) *“Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa” cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade”*. Os discursos que promovem a humilhação e a violência contra a população LGBTTTI negam os direitos de cidadania porque visam privar essa população do acesso a eles. Ademais o preconceito articula-se ao redor de outras categorias sociais (raça, classe social, gênero) dando lugar a experiências de múltiplas opressões.

Objetivos



Articular os tres eixos de interven\u00e7\u00e3o previstos no projeto de extens\u00e3o universit\u00e1ria “Papo S\u00e9rio – Educa\u00e7\u00e3o, G\u00e9nero e Sexualidades”:

- 1. Cria\u00e7\u00e3o e consolida\u00e7\u00e3o de redes de parceria com universidades brasileiras, e institui\u00e7\u00f5es locais para implementa\u00e7\u00e3o de a\u00e7\u00f5es de preven\u00e7\u00e3o \u00e0 viol\u00eancia heterossexista nas escolas.**
- 2. Concurso de Cartazes sobre heterossexismo e homo-lesbo-transfobia nas escolas.**
- 3. Planejamento e coordena\u00e7\u00e3o das oficinas Papo S\u00e9rio nas escolas p\u00fablicas da grande Florian\u00f3polis.**

A continua\u00e7\u00e3o exp\u00f5em-se as a\u00e7\u00f5es a realizar em cada um dos eixos anteriormente mencionados.

1. CRIA\u00c7\u00c3O E CONSOLIDA\u00c7\u00c3O DE REDES DE PARCERIA COM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS E OUTRAS INSTITUI\u00c7\u00d5ES PARA IMPLEMENTA\u00c7\u00c3O DE A\u00c7\u00d5ES DE PREVEN\u00c7\u00c3O \u00c0 VIOL\u00caNCIA HETEROSSEXISTA NAS ESCOLAS.

O N\u00facleo de Identidade de G\u00e9nero e Subjetividades est\u00e1 empenhado desde 2007 na promo\u00e7\u00e3o de a\u00e7\u00f5es formativas destinadas a professores e professoras assim como aos e \u00e0s estudantes de escolas publicas de ensino fundamental e m\u00e9dio, que t\u00eam como objetivo o combate \u00e0 viol\u00eancia heterossexista nos contextos escolares. Ao longo desses anos a equipe promotora do projeto de Pro extens\u00e3o “Papo S\u00e9rio”, um dos maiores projetos de extens\u00e3o promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina, foi acumulando uma not\u00e1vel “*expertise*” na implementa\u00e7\u00e3o de a\u00e7\u00f5es formativas de diversa natureza nos contextos escolares. As atividades de forma\u00e7\u00e3o do professorado, implementa\u00e7\u00e3o das oficinas “Papo S\u00e9rio” e do “Concurso de cartazes sobre homo-lesbo-transfobia nas escolas” procuram intervir sobre a dificuldade amplamente descrita na bibliografia (LOURO, 2010, 2008, 2001, BOURDIEU, 2007, JUNQUEIRA, 2009, FURLANI, 2007, MISKOLCI, 2012) de tratar as sexualidades n\u00e3o heteronormativas assim como de implementar a\u00e7\u00f5es de preven\u00e7\u00e3o da viol\u00eancia homof\u00f3bica nos contextos escolares e re\u00fanem caracter\u00edsticas de: *durabilidade* j\u00e1 que as interven\u00e7\u00f5es foram



implementadas nos últimos 5 anos; *legitimidade* e *participação* na medida em que as intervenções são construídas a partir das necessidades detectadas pelos próprios professores e professoras com as turmas; *efetividade* ainda seja difícil avaliar uma mudança nas atitudes a longo prazo, assim como uma mudança no clima de convivência escolar, as inúmeras avaliações positivas que os e as estudantes nos proporcionaram após a realização das “Oficinas Papo Sériio”, assim como a crescente aceitação do “Concurso de Cartazes contra homo-lesbo-transfobia nas escolas” que se reflete no aumento de escolas participantes ao mesmo, nos consentem afirmar que as intervenções proposta atingem *no mínimo* o objetivo de problematizar as questões relativas à violência heterossexista nas escolas, ao mesmo tempo que rompem a invisibilidade dessas questões nos contextos escolares; *Transferibilidade e replicabilidade*, na medida que as atividade são planejadas em parceria com os e as professoras que solicitam a intervenção, as atividade previstas pelo projeto “Papo Sériio” são facilmente transferíveis, adaptáveis e replicáveis em outros contextos; *Sustentabilidade* na medida que as atividades podem ser implementadas com recursos mínimos, sendo que a maior inversão tem que ser realizada na formação das equipes que vão intervir nas escolas.

Por as razões anteriormente citadas, consideramos que o modelo de intervenção pode ser adotado por Instituições parceiras tanto a nível nacional como a nível internacional. Nesse sentido já foram dados os primeiros passos a través do estreitamento de laços de colaboração com:

1. A **Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)** com a mediação da prof. Dra. Barbara Arisi. Nessa universidade ministrei uma palestra sobre as questões de sexo/gênero e orientação/opção sexual, assim como uma oficina “Papo Sériio” com o objetivo de ilustrar experiencialmente o desenvolvimento desse tipo de intervenção. Essas atividades foram realizadas em 2012 e, a raiz das discussões originada pela intervenção, surgiu um grupo de estudo sobre gênero e sexualidades “Maldita Geni” que, em parceria com a prof. Barbara Arisi, apresentou o projeto de pro-extensão “Oficinas Papo Sériio e concurso de cartazes” na UNILA, o projeto foi aprovado em novembro 2013.



Em setembro de 2013 tivemos um encontro entre bolsistas do NIGS e integrantes do “Maldita Geni” que se centrou sobre os aspectos organizativos da realização do Concurso de Cartazes, outro encontro foi realizado em **dezembro de 2013** para continuar na formação dos e das estudantes que irão implementar o Concurso de Cartazes e as “Oficinas Papo Sério” junto com as escolas públicas de Foz de Iguaçu

2. **A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)** com a mediação da prof. Dra. Tania Welter. No marco do projeto FAPESC/UNEM foi organizado o “I Encontro de Formação do Projeto "Antropologia, Gênero e Educação em SC" que teve lugar no dia 7 de novembro em Florianópolis. Esse encontro que previu a participação de estudantes da UFFSC e da UFSC, teve como objetivo reflexionar sobre as questões de travestilidade e transexualidade no contexto escolar e universitário, assim como a formação através de atividades praticas (oficina) e teóricas sobre questões relativas a sexo/gênero e discriminação por razões heterossexistas nos contextos educativos. No dia 11 de dezembro foi realizada outra atividade de formação que envolveu estudantes das UFSC e da UFFS em Chapecó. Outra ocasião de encontro e socialização de praticas e reflexões teóricas foi a participação das equipes de Chapecó e Florianópolis ao VII congresso Internacional de Estudos sobre Diversidade Sexual da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura ABEH. A participação de ambas equipe, amparada pelo projeto PRONEM FAPESC, propiciou um novo momento de intercambio.
3. **A Universidade do Sul De Santa Catarina (UNISUL)** de Tubarão. Amparada pelo projeto PRONEM FAPESC, eu e a mestrandia Lais Novo fomos ministrar um minicurso dentro do V Simpósio sobre Formação de Professores (SIMFOP-Tubarão 28-30 maio de 2014. O Minicurso, realizado no dia 29/05 enfrentou o tema do “Gênero e Diversidade Sexual” com professores e professoras da rede publica de ensino de Tubarão, assim como técnicos da área de educação do município, se configurando como um primeiro encontro de informação e sensibilização sobre o tema, com intuito de ir formando docentes para enfrentar com serenidade o tema da diversidade sexual em sala de aula.



4. **A Secretaria de Educação de Florianópolis.** Partindo da consideração que o Concurso de Cartazes é uma tecnologia social que ao longo dos anos mostrou sua eficácia, constatando a necessidade de uma grande infraestrutura para ampliar o Concurso e permitir a participação de um numero maior de escolas nesse primeiro semestre foram começados os tramites para propiciar a transformação do “Concurso de Cartazes sobre trans-lesbo-homofobia e heterossexismo nas escolas” em uma política publica assumida pelo município de Florianópolis. Nesse sentido entre março e maio foram realizadas inúmeras reuniões com vereadores de Florianópolis, com a Coordenadoria de Políticas Públicas para as Mulheres, assim como com deputadas da bancada Feminina da ALESC e a Escola do Legislativo da ALESC para ir criando as condições políticas que pudessem permitir a viabilização desse projeto. Esse processo culminou com a reunião com o Secretario de Educação Rodolfo Joaquim Pinto da Luz no dia 10/04. Nessa reunião foram entregue ao Secretario de Educação, um projeto com orçamento para implementação do projeto pelo município, assim como as cartas e declarações de apoio a esse tramite assinadas pelas seguintes autoridades: **Bancada Feminina da ALESC** Dirce Heiderscheidt (coordenadora), Luciane Carminatti (membro), Ana Paula Lima (membro), Ângela Albino (membro). **Vereadores da Câmara de Vereadores de Florianópolis:** Vereador Lino Peres, Vereadora Roseli Pereira, Vereadora Beatriz Cardoso. **Coordenadoria de Políticas Publicas para Mulheres,** (Florianópolis) Coordenadora Dalva Kaiser. O processo está ainda tramitando-se mas na mesa de abertura da cerimônia de premiação do VI Concurso de Cartazes realizada no dia 27/06 a coordenadora do CPPM Dalva Kaiser, voltou a declarar o apoio da Coordenadoria à transformação do Concurso em Política Pública.
5. **A TV Barriga Verde/SC (BAND/SC).** Nesse ano, com intuito de ter uma maior divulgação do Concurso através de meios comerciais além da divulgação institucional assinamos um acordo de colaboração entre a BAND/SC e a UFSC para o patrocínio de Concurso por parte dessa TV. Os tramites burocráticos para assinatura do contrato de colaboração foram realizados durante os meses de maio e junho de 2014 e tem culminado com: 1. Obtenção de 40 entradas



para Beto Carreiro para as equipes dos primeiros e segundos classificados no Júri Científico e Júri Popular Facebook. 2. Obtenção de 40 entradas de cinema para as equipes dos terceiros classificados no Júri Científico e Júri Popular Facebook. 3. Obtenção de 3 tablets como prêmio para Professores Destaque em Gênero e sexualidade. 4. Obtenção de Ônibus da Band para traslado de estudantes para participação cerimônia de premiação. 5. Divulgação do Concurso na página internet da BAND/SC. 6. Divulgação de 3 teasers de 30' (realizados por Luisa Naves, com minha supervisão) em horário comercial para divulgação do Concurso. 7. Realização de show de Selma Light na cerimônia de premiação do VI Concurso.

6. **A Escola do Legislativo da ALESC:** ao longo do semestre foram realizados inúmeros contatos com a Escola do Legislativo tanto para obter sua parceria na divulgação do Concurso, como para um apoio político ao projeto de institucionalização do Concurso, e para apoio prático através da impressão de cartazes de divulgação do Concurso (200) e impressão de um material didático pensado especificamente para o trabalho sobre gênero e sexualidade em sala de aula. Esse material se articula ao redor dos seguintes tópicos: 1. O conceito de gênero (Autoria Geni Nuñez Longhini), 2. “Masculinidades e Feminilidades”: (Autoria Bruno Cordeiro Pereira); 3. “Homossexualidade e Heterossexualidade”: (Autoria Laís da Costa Novo); 4. “Violências” (Autoria Natan Schimitz Kremer) Coordenação Arianna Sala e Miriam Grossi; Revisão Laís da Costa Novo. A impressão de 2000 cópias coloridas já autorizada pela diretoria da Escola do Legislativo, foi bloqueada devido à proximidade das eleições presidenciais mas será retomada após a finalização das mesmas.

2. ACOMPANHAMENTO DO “VI CONCURSO DE CARTAZES SOBRE HOMO-LESBO-TRANSFOBIA E HETEROSSEXISMO NAS ESCOLAS”

A partir de fevereiro começaram as atividades de divulgação do “VI Concurso sobre homo-lesbo-transfobia e heterossexismo nas escolas”. Ainda foram mantidas as principais modificações introduzidas na V edição do concurso, como novidade dessa edição introduzimos



no edital a solicitação de um pôster (nos moldes dos pôsteres de divulgação científica) para concorrer ao prêmio “Educador/educadora destaque em gênero e sexualidades”. Nesses pôsteres os e as professoras deverão relatar as estratégias didáticas implementadas com as turmas para dinamizar o processo de criação dos cartazes. Os pôsteres recebidos foram expostos conjuntamente aos cartazes com o intuito de divulgar boas práticas assim como de visibilizar o trabalho desenvolvido por esses profissionais da educação.

Após a divulgação do edital feita via facebook (<https://www.facebook.com/ConcursoDeCartazesNigsufsc>), com envio de email e ligações aos professores e as professoras participantes em outras edições do concurso, teaser emitidos pela BAND/SC, e convites enviados pela Secretaria de Educação do Município de Florianópolis e pela Escola do Legislativo da ALESC, obtivemos a participação das seguintes 20 escolas: Escola Prof. Febrônio Tancredo Oliveira (CAIC), EEB Prof. Silveira de Matos, EEB Pero Vaz de Caminha, EEB Bela Vista, Escola Básica Julio da Costa Neves, Escola Paulo Fontes, Beatriz de Souza Brito, Almirante Carvalhal, Aldo Câmara, EEB Maria Tomázia, Instituto Estadual de Educação (IEE), EEB Presidente Roosevelt, EEB Don Jaime de Barros Câmara, EJA Presídio de Tijucas, E.B. Coronel Antonio Lehmkuhl, EEB Aderbal Ramos da Silva, Professora Tânia Mara, EBM Antônio Paschoal Apóstolo, EBM Batista Pereira (EJA), EBM José Amaro Cordeiro (EJA).

No dia 02/06 foi organizado um mutirão de visitas em 17 escolas participantes para acompanhar o andamento do concurso nas escolas de origem e visitar as exposições previamente montadas. Nesse mutirão de visitas participaram tanto bolsistas de extensão do projeto como estudantes em tutorial e em prática de pesquisa.

Nessa edição os professores e as professoras participantes foram 25 e conseguiram a participação de aproximadamente 1200 estudantes. Recebemos nesse ano 135 cartazes, a diminuição significativa no número de cartazes em comparação com o ano anterior (365) e devida a que esse ano só aceitamos para exposição os cartazes que superaram uma seleção previamente nas escolas de origem, sendo que por cada turma poderiam ser enviados no máximo 3 cartazes. Nesse ano experimentamos também um aumento significativo do uso das redes sociais sendo que a página tem já 1038 curtidas (sobretudo no grupo etário de 18 a 24 anos), ou seja 1038 pessoas recebem nossas atualizações nas suas timelines (aproximadamente 3 vezes a mais do que no ano passado). Para oferecer um exemplo do alcance da página facebook, na categoria de voto via facebook o cartaz vencedor foi curtido 1240 vezes, o segundo classificado 1029 vezes, o terceiro 745 vezes, em tanto que o vencedor dos compartilhamentos foi compartilhado 1921 vezes. Nesse sentido sublinhamos a necessidade



de utilizar as redes sociais para divulgar a mensagem em contra da homofobia e heterossexismo no ambiente escolar.

Como indicado anteriormente, em função da parceria assinada com a BAND/SC que ofereceu os prêmios as equipes vencedoras dos prêmios júri científico e júri popular foram premiados com viagens para Beto Carreiro e entradas no cinema e camisetas do concurso, em tanto que as equipes vencedoras dos prêmios júri NIGS foram agraciadas com camisetas do concurso e conjunto de livros sobre o tema de gênero e sexualidade para as bibliotecas escolares, por último as professoras e o professor vencedores do premio “Educador Destaque em Gênero e Sexualidades” ganharam um tablet.

3. PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DAS OFICINAS “PAPO SERIO” NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS.

A divisão de atividades do Projeto Papo Sériio por semestre ao longo do ano acadêmico prevê a realização do Concurso de cartazes no primeiro semestre e a realização de oficinas no segundo semestre, por essa razão nesse primeiro semestre só foi realizado um mutirão de oficinas, organizadas em parceria com a Coordenadoria Municipal de Políticas Publicas para Mulheres e o projeto Projovem (no que participam jovens a risco de exclusão social e jovens em situação de exclusão social). As oficinas realizadas nas estâncias do Cesc prainha, foram organizadas para celebrar o dia municipal de combate á homofobia (17 de maio). O esquema adotado para planejamento, execução e avaliação do mutirão foi o seguinte:

1. **Planejamento da oficina:** Vai ser realizado com os e as bolsistas diretamente vinculadas ao projeto Papo Sériio.
2. **Explicação e revisão das dinâmicas com os demais ministrantes:** Nesses momentos de formação cada dinâmica é exposta detalhadamente para as pessoas que irão ministrar a oficina, isso comporta ao mesmo tempo um processo de revisão e aprimoramento das mesmas.
3. **Implementação das oficinas no modelo de mutirão:** Esse modelo de intervenção, implementado em 2013 nos permitiu maximizar os benefícios de cada saída a campo da equipe em termos de numero de oficinas realizadas, assim como nos ajudou na contenção dos custos das mesmas.



4. **Avaliação grupal das oficinas realizadas:** Na semana sucessiva a cada saída a campo foi convocada uma reunião dos e das ministrantes das oficinas para realizar uma avaliação das mesmas.
5. **Sistematização do material recolhido em cada oficina:** Posteriormente à realização de cada oficina o material recolhido a través da “Guia de observação da oficina”, “Avaliação anônima dos e das estudantes” “Perguntas anônimas sobre sexualidade” e outros eventuais materiais recolhidos durante as oficinas serão transcritos e recolhidos em uma única pasta, para facilitar o processo reflexivo e de análise da implementação das oficinas.

7. DOCÊNCIA

Nesse semestre teve a oportunidade de continuar no aprimoramento da minha prática docente baixo a orientação da prof. Miriam Grossi. Nesse semestre teve a possibilidade de ministrar uma aula dentro da disciplina ANT 7050, Gênero e Sexualidade, e de acompanhar os e as estudantes da disciplina “Prática de Pesquisa” e “Tutorial”. Além disso, no dia 17 de Março teve a possibilidade de participar como docente do “IV Curso de Curta Duração em Gênero e Feminismo” com uma palestra intitulada “Sexualidades não normativas e educação” e de oferecer uma palestra para estudantes do IFSC no dia 7 de Março, intitulada “8 de março: dia internacional da mulher trabalhadora”

5. DIVULGAÇÃO DA PESQUISA EM EVENTOS CIENTÍFICOS

Relativamente à divulgação dos resultados da pesquisa realizada no marco do Projeto Papo S\u00e9rio participei nos seguintes eventos:

1. QUINTA CONFERENCIA INTERNACIONAL DE PARADIGMAS QUEER: NARRATIVAS QUEER DE LA MODERNIDAD. Quito 20-22/02/2014. Comunicação oral intitulada “Construyendo discursos en contra de la discriminación por razón sexual en las escuelas: quien y como se representa?” para a participação nesse evento já foi aceita.
2. VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 7/9 de maio de 2014 em Rio Grande. Comunicação oral intitulada: “Experiências a partir de oficinas com estudantes de ensino médio”



3. V COLOQUIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIO: EDUCACIÓN, SEXUALIDADES Y RELACIONES DE GÉNERO. 11, 12 y 13 de junio de 2014, em Mendoza, Argentina. Comunicação oral titulada: “Aproximaciones a una pedagogía Queer. Reflexiones a partir de una experiencia de intervención en las escuelas
4. VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 7/9 de maio de 2014 em Rio Grande, Coordenação do ST **“Educação, gênero e sexualidades”**, em parceria com a prof. Dra. Mareli Graupe.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS INICIAIS

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis RJ: Vozes, 2007.

BORRILLO, Daneiel. *Homofobia*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

BRITZMAN, Deborah. "Curiosidade, sexualidade e currículo" In Louro Guacira (org.), *O corpo educado. Pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora LTDA, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade v1: A vontade de saber*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 269-285. dez. 2007

_____ "Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia Queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual?" In Junqueira Rogério (org.), *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Edições MEC UNESCO, 2009.

GIMENO, Beatriz. *Historia y Análisis Político del Lesbianismo. La Liberación de una Generación*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

GROSSI, Miriam, FRÓES, Anelise, MARIANO, Rayani, WEISS, Fatima. *Cadernos NIGS - Extensão*. Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. v.1, n.1, 2010.

HAAGA, Daniel. Homophobia? *Journal of Social Behaviour and Personality*, 6, 171-174, 1991

HEREK, George. Beyond "homofobia": A social psychological perspective on attitudes toward lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*, 10 (1/2), 1-21, 1984.

HEREK, George. Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men. En Gonsiorek J.C., Weimerich J.D. (Eds.) *Homosexuality: Research implications for public policy*. (pp. 60-80). Newbury Park, CA: Sage, 1991.

LIONÇO Tatiana & DINIZ Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *Psicologia Política*, 8(16), 307-324, 2008

LOURO Guacira. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, 9, 541-553, 2001.

_____ Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56), 17-23, 2008.

_____ "Pedagogia da sexualidade" In Louro Guacira (org.), *O corpo educado. Pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora LTDA, 2010.



MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

TORRES, Marco. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SEFFNER, Fernando. "Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar". In Junqueira Rogério (org.), *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Edições MEC UNESCO, 2009.

UNESCO. *Respuestas del sector de educación frente al bullying homofóbico*. Paris: Unesco, 2012.

WEINBERG, George. *Society and the Healthy Homosexual*. New York: St. Martin Press, 1972.